



O Amanhã da Economia Brasileira - Parte 1

José da Silveira Filho

A Janela Econômica anterior tratou sobre as perspectivas da economia europeia. Havia um conceito importante por detrás daquele sucinto exame. Era a noção de globalização, intercalando o entrelaçamento das economias dos Estados Nação. Esta interligação facilitou a crise financeira em contágio uma na outra e a consequência paradoxal será a ruptura com a moeda única. Essa contramaré da dinâmica histórica, iniciada desde a Revolução Industrial no século XVIII, acontece em razão das diversidades produtivas entre as díspares nações que compõem o euro. Enquanto algumas se deparam em elevado estágio de industrialização, caso da Alemanha, França, Itália, outras se distanciam demasiado desses patamares de maturidade e avanço industrial. É o caso grego com elevada dependência do setor turismo. E o euro aferrolha todos esses países como se portassem provável similaridade compatível. À medida que a crise progrediu, ela mostrou a premência das economias manipularem suas próprias moedas como reflexo de sua produtividade e como forma individual de replicar às necessidades mais imediatas de emprego de suas populações trabalhadoras. Dívidas se pagam universalmente com saldo comercial positivo. E aí utilizar a própria moeda é decisivo.

E quanto a economia brasileira, o que nos aguarda mais à frente? Seria possível realizar alguma predição em termos de provável tendência para os próximos cinco anos ou isso não passa de mero exercício de diversão intelectual?

Há três fatores na análise da economia brasileira. O primeiro é o reduzido endividamento familiar em termos de proporção do PIB. Enquanto EUA e Europa ultrapassam com facilidade os 100 por cento, o Brasil mal atingiu 50 por cento. O segundo é a esmagadora massa de famílias trabalhadoras muito pobres, provenientes das classes C e D, com elevada propensão a consumir, simplesmente por terem tão pouco e na base da pirâmide social de rendimentos brasileira. O terceiro é um núcleo importante de empresas sob controle estatal que podem expandir os seus gastos, alavancando outros setores na geração de emprego. As encomendas da Petrobrás acionaram a indústria naval brasileira, além do grupo Eletrobrás, no cerne da infraestrutura de geração de energia, conferindo a possibilidade de instalação industrial. Então há um considerável espaço de manobra ao próprio crescimento do capitalismo brasileiro.

O aspecto negativo ronda a balança de transações correntes. A maior saída financeira é a remessa de lucros ao exterior para socorrer as matrizes nos países de origem e isso somente se compensa com o ingresso de capitais externos. Ao mesmo tempo em que esta sangria acontece, as indústrias multinacionais anunciam ampliação de investimento no Brasil. No momento, há certa agitação convulsiva porque grande parte dos capitais externos são de origem especulativa e com propensão a operações de curto prazo de comprar hoje ações para vender amanhã ou até no mesmo dia. O menor sinal de insegurança é motivo de instabilidade e a iniciativa é dar ordens pontuais de venda de ativos financeiros.

Enquanto Europa e EUA dão claros sinais de limitações ao crescimento, há os países emergentes em franca possibilidade de expansão: Brasil, Índia, China e Rússia. Se os capitais perambulam a procura de lugares capazes de proporcionar retorno ao investimento empatado, estas nações ainda oferecem estes horizontes à expansão do próprio grande capital. Um exemplo ajuda a entender. A Ford Brasil está exportando motores 1.6 para a matriz americana. Nos EUA não existem fábricas produtoras desse porte de propulsor e os EUA possuem 230 milhões de autos de modo geral altamente gastadores. Esta situação não se modifica radicalmente num espaço de 5 anos.

No primeiro momento, a busca por segurança levará muitos especuladores a buscar refúgio no dólar e em títulos públicos estadunidenses. Isto pode ter uma duração de vários anos, o que tornará mais vantajosas as exportações brasileiras, melhorando a situação da Balança de Pagamentos brasileira. E o Brasil permanece como fonte de investimento em função de peculiaridades únicas de biodiversidade, energia, água e riquezas aproveitáveis em razão de pródiga natureza assim como a estrutura industrial de porte.

Isso não quer dizer que o Brasil experimentará um mar de rosas. Longe disso. Há um rescaldo passado de 25 anos pelo menos de estagnação econômica que assombra a responsabilidade dos governantes, que atirou milhões de seres humanos em sombria exclusão. Nesse entanto, o desejo esvoaçante é apenas afirmar que detemos muito melhores expectativas reais de crescimento do que as economias desenvolvidas, enfrentando ingentes dificuldades desde a geração de energia ao seu consumo exponencial sem contar as imposições de meio ambiente deteriorados pela depredação secular.

Outros arrazoados poderiam ser ponderados nesse escrito. Contudo o espaço da Janela é exíguo e de leitura mais digestiva àqueles que pretendem formar pelo menos um lampejo do que poderá acontecer num breve futuro nesse mundo tomado pela correria atrás do pão de cada dia.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.